COMEMORAM A VITÓRIA

CASA
DO POVO

1946

Com a poeira das ruínas da Segunda Guerra Mundial ainda na mente de todos, debaixo de um amplo painel com o número cunhado de seis milhões de judeus assassinados, e onde pode-se ler, em ídiche, *gedenk* (lembre-se), lembre-se de Auschwitz, Treblinka, Dachau e tantos outros campos de extermínio, milhares de pessoas se reúnem em um terreno da rua Três Rios, no Bom Retiro, em São Paulo, para a Cerimônia da Pedra Fundamental da Casa do Povo.

São muitas as versões sobre esse dia. Alguns relatam que se espalhou cinzas pelo terreno, em homenagem aos que foram queimados e não tiveram sepultura; outros contam que foi enterrado ali um tijolo, simbolizando a base para a reconstrução, no Brasil, daquilo que quase foi aniquilado na Europa. Todos concordam que o prédio a ser erguido foi pensado para ser um monumento vivo, um lugar onde lembrar é agir e que, para isso, deveria reunir as muitas associações da comunidade judaica progressista do bairro.

1936

A criação da liga antifascista em Paris surte efeito. No ano seguinte, em 1937, é criada uma seção judaica, o Yidisher Kultur Farband – YKUF [organização cultural ídiche], que resolve unir forças para consolidar essa frente contra o avanço da extrema direita em qualquer cidade onde houvesse uma comunidade judaica progressista organizada. A cultura há de ter um papel fundamental nisso: em Paris, Madri, Johanesburgo, Nova York, Cidade do México, Rio de Janeiro, Buenos Aires; abrem-se escolas, teatros, jornais, corais e muitas outras associações culturais e políticas. Em São Paulo, são criados, entre outros, o Yugent Club (futuro Clube Cultura e Progresso), o jornal *Nossa Voz*, uma biblioteca, um grupo de teatro, o Coral Sheiffer e a Escola Scholem Aleichem.

Cerimônia da Pedra Fundamental em 1946. Arquivo ICIB/Casa do Povo

1953

O mesmo grupo de pessoas que estava reunido na Cerimônia da Pedra Fundamental em 1946 encontra-se naquele terreno, agora na laje recém-construída no segundo andar, para a inauguração do tão sonhado edifício do Instituto Cultural Israelita Brasileiro, a Casa do Povo. Os amplos salões estão prontos para acolher as atividades das muitas associações irmãs que florescem pelo bairro do Bom Retiro.

Nas plantas do prédio, o então jovem arquiteto Ernest Carvalho Mange esboçou um projeto de escultura a ser erguida no hall de entrada, depois do primeiro lance de escada que dá acesso ao térreo. Mange desenhou uma escultura que nunca chegou a ser construída. Seu projeto lembra a capa do primeiro livreto de arrecadação da Casa do Povo, impresso em janeiro de 1946 (o seu fac-símile integra esta publicação), que retrata os heróis do Levante do Gueto de Varsóvia – homens e mulheres, jovens e velhos, em pé e caídos, com baionetas nas mãos.

APRESENTAÇÃO

Jairo Degenszajn, Lilian Starobinas, Gerson Froiman,
Sandra Degenszajn, Tânia Fukelmann / Diretoria 2016-2018

A Casa do Povo, desde seu surgimento, vinculou-se à trajetória de um fazer cultural praticado pelas comunidades judaicas da Europa Oriental e à tragédia que destroçou essas populações, simbolizada pelos horrores da Shoá e pelo massacre de seis milhões de judeus. Para honrar sua memória, criou-se a proposta do Monumento Vivo, em que a memória é acionada pelo fazer cultural do dia a dia, pelo acolhimento da diversidade e pelo compromisso de luta contra o fascismo.

A Casa do Povo – oficialmente Instituto Cultural Israelita Brasileiro – consagrou-se como um local de agregação daqueles que já estavam no Brasil, imigrantes e seus filhos. Ao redor da língua ídiche, de uma vivência judaica laica, de valores progressistas e universalistas, multiplicaram-se os círculos de leitura, os corais, as atividades teatrais, as conferências e tantas outras atividades. A Casa se consolidou como espaço social, ponto de acirrados debates políticos, de ações solidárias, de educação e cultura, de interlocução com a cultura brasileira.

O esforço coletivo, na Casa do Povo, não é somente uma maneira de viabilizar a implementação de projetos pontuais, mas antes uma forma de pensar e de agir. Por isso, estar nas atividades da Casa é sempre um convite para um papel ativo. Um olhar para a vida que aposta em nos tirar do lugar de espectadores, e que se preocupa em nos convidar para assumir o lugar de protagonistas.

A cidade de São Paulo, hoje, precisa de muito mais do que um centro cultural no sentido mais tradicional da palavra. A Casa do Povo se abre para novas possibilidades de encontros e fazeres sociais, que vão propondo outros olhares para o espaço físico da cidade como um todo e, em particular, no bairro do Bom Retiro. Ao revisitar as referências culturais da tradição judaica laica e universalista, ao preservar valores de fundação e buscar sintonia com os temas contemporâneos, a vida na Casa tece sua relevância como lugar de debate aberto e plural, de incentivo à convivência em diversidade, de releituras da arte em diálogo com as inquietações sociais. Um convite a produzir novos entendimentos e novas formas para dar corpo e energia a um monumento vivo, no campo das ações e das ideias a elas subjacentes.

A inauguração da obra de Yael Bartana, o neon *Assim elas comemoram a vitória*, constitui mais um tijolo na contínua construção desse monumento. A escolha de uma frase do livreto lançado no momento da fundação nos reconecta com os fundadores e fundadoras e busca trazer novas luzes a sua ousadia, sua perseverança, seu compromisso com a memória e com o futuro. Que a escritura dessa evocação dos fundadores em nosso umbral, reconfigurada pela recriação da artista, nos sirva de inspiração para a continuidade da luta.

O LUGAR DAS UTOPIAS

Benjamin Seroussi

O tempo não é linear. Ele segue um caminho tortuoso, traz diferentes versões dos mesmos fatos e faz da história um lugar de constante disputa. A Casa do Povo é, à imagem do tempo, atravessada por muitas narrativas contraditórias. Já passou por momentos de divisões e de união, resistências e repressões, luta e perda. Mas a perda não é sinônimo de fracasso: construída em cima das ruínas da Segunda Guerra Mundial, a Casa do Povo se mantém há mais de sessenta anos em um estado delicado, ora precário, ora sólido, tentando manter o diálogo com as forças vivas da resistência.

Monumento e antimonumento

A Casa do Povo foi pensada para ser ao mesmo tempo um lugar de memória e de vida. Assim, não pode ser reduzida a um memorial – lugar onde a memória é estocada e engessada, representando o passado; tampouco deve ser vista apenas como centro cultural, desconectado da herança da comunidade que a criou. Por isso, a instituição costuma se apresentar como "monumento vivo", um lugar vazio preenchido constantemente por ações, onde lembrar é um exercício diário que passa pelo próprio uso que se faz de seu espaço.

Como monumento vivo, a Casa do Povo sempre atualiza suas premissas históricas, reunindo outras narrativas além da que está na base da sua fundação: a homenagem aos judeus assassinados nos campos de concentração. Assim, fomentou práticas pedagógicas inovadoras, acolheu vanguardas teatrais, escondeu filhos de perseguidos políticos durante a ditadura civil-militar no Brasil; hoje se mantém articulada ao pensamento crítico.

Mais do que um monumento vivo, talvez seja o caso de caracterizar a Casa do Povo como antimonumento, um lugar que nunca esteve no lado do poder e que não pretende impor uma narrativa única da história, mas que consegue aproximar, em um exercício impossível de síntese constante, narrativas minoritárias ou contraditórias – ser de esquerda, mas sem vínculos partidários; diaspórica, não sionista e sionista; independente, dependendo de muitos; judaica e universalista; autonomista e plural.

Talvez essa característica explique o estado do prédio. Marcada pelas ruínas da Segunda Guerra Mundial, pelas divisões da Guerra Fria, pela resistência à ditadura civil-militar, pela decadência do Centro de São Paulo, a Casa do Povo se mantém em um lugar indefinido, entre vivos e mortos, acumulando – e anunciando – rastros de uma história de luta. Ela funciona como o frágil refúgio dos oprimidos de todos os tempos… ou talvez essa característica explique o tipo de uso que o espaço permite e demanda.

O prédio foi pensado para ser flexível. Ao invés de ter um programa estanque (com uma divisão clara dos seus usos por andares), a arquitetura moderna projetada por Ernest Mange, caracterizada por grandes plantas abertas, permite que ela se adapte às demandas dos seus habitantes. Quem usa a Casa do Povo aceita entrar numa troca com ela: dá corpo à sua história, ao mesmo tempo em que adapta os espaços aos seus usos.

A escultura ausente

Não está claro se aquela escultura que aparece em uma das plantas do projeto de Ernest Mange, e que, ao que tudo indica, deveria ter sido instalada no térreo do edifício, acabou não sendo erguida por falta de verba ou de desejo. A sua ausência, porém, nos parece hoje eloquente. Ela aponta para a importância de não cristalizarmos a memória: o passado não está monumentalizado, mas inscrito nos corpos dos que frequentam a Casa do Povo e na arquitetura maleável do prédio. Se a utopia é, etimologicamente, a ausência de lugar – *u* [sem]; *topos* [lugar] –, essa escultura ausente bem que poderia ser o lugar das utopias. Nesse vazio podem se aninhar todos os "possíveis". Se a Casa do Povo não se reduz ao que é ou está sendo, já que reúne, no mesmo lugar, o que já foi e o que pode passar a ser, isso faz com que não seja um lugar de poder, mas, sim, potente; um convite a sempre reinventar o presente e testar os seus devires.

Yael Bartana, artista israelense radicada entre Berlim e Amsterdã, visitou diversas vezes a Casa do Povo em suas viagens recentes pelo Brasil. Encontrou na instituição um lugar que ecoa seu trabalho, que oscila entre uma crítica feroz ao modernismo e suas utopias que anunciavam futuros nunca realizados, mas em nome das quais o presente é constantemente destruído; e a necessidade de nunca abrir mão de radicalizar a nossa imaginação política para pensar possibilidades urgentes ao nosso mundo, que não anunciam outros futuros, mas abrem outros presentes possíveis. Em seus trabalhos recentes, usando o cinema, a performance e outros dispositivos, Yael Bartana criou novos rituais, fundou movimentos políticos, inventou narrativas nacionais extraoficiais e desenhou passados míticos, sugerindo que a imaginação é algo sério demais para ser deixada nas mãos dos políticos.

Depois de seu encontro com a Casa do Povo, Yael resolveu oferecer à instituição uma obra. Partiu da ideia de criar um letreiro que não nomeasse o prédio, mas que pudesse funcionar como uma espécie de legenda de sua construção e, assim, tornar visível o tempo expandido que está em sua base. Ela pediu aos membros da Diretoria da instituição que procurassem uma frase no seu arquivo na qual se reconhecessem.

Assim eles comemoram a vitória?

A frase que chamou a atenção de todos é o título de um artigo escrito por Bernardo Seibel, um dos fundadores da instituição, no pequeno livreto lançado em janeiro de 1946, antecedendo a Cerimônia da Pedra Fundamental da Casa do Povo. Logo após a guerra, enquanto a comunidade judaica ainda contava seus mortos, Bernardo escreveu um artigo cujo título "Assim eles comemoraram a vitória" refere-se ao pequeno grupo de judeus progressistas reunido no ano anterior, em abril de 1945, em São Paulo, celebrando a recente queda de Berlim pelas mãos do exército vermelho. Na narrativa estabelecida por Bernardo, os que morreram no Levante do Gueto de Varsóvia, em 1943, acabaram vencendo em 1945. Contrariando outras narrativas que destacam o massacre mais do que a resistência, a Casa do Povo se funda na ideia de que os judeus, mesmo assassinados em massa, se levantaram e ganharam a guerra.

Mais de setenta anos depois, com as mudanças no contexto político local e internacional, a frase ecoa diferente. Não está claro a quem ela é endereçada: à comunidade que usa e frequenta a Casa do Povo ou ao transeunte desavisado? De forma mais precisa, cada palavra parece se referir a um lugar indefinido. Começando com o sujeito da frase, quem são "eles"? Nossos companheiros, nossos antepassados ou nossos inimigos? Seguindo com o objeto da frase – a vitória –, em tempos sombrios, com um novo golpe em andamento no Brasil, que "vitória" seria essa e quem a "comemora"? Mesmo que tenha alguma vitória em curso, por que "comemorar" e não "celebrar"? Que tipo de ritual há de ser estabelecido? O advérbio "assim", no início do aforismo, pode ser uma resposta a esta última pergunta na busca do ritual adequado, mas não está claro para o que aponta: para a própria frase? Para o suporte da frase – um neon que se torna escultura? Para o prédio? Para algum outro lugar? Essa indeterminação torna a frase mais interessante, já que menos autoritária, sem por isso deixá-la menos assertiva. Em conversa com a artista e a curadoria, a Diretoria resolveu mudar o tempo do verbo – "comemoraram" tornou-se "comemoram", reforçando, assim, a ideia base do prédio, de uma constante atualização da memória. "Assim eles comemoram a vitória" foi enviada de volta para Yael como escolha da Casa do Povo para ser uma espécie de nota de rodapé do prédio. Porém, invertendo a ordem lógica, essa nota passaria a ressignificar o próprio edifício.

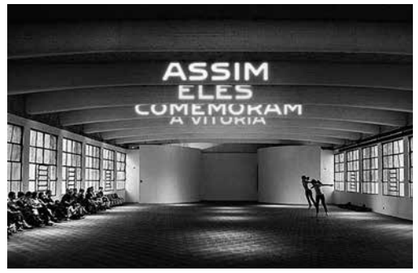
No diálogo com Yael, relatado na entrevista a seguir, surgiu outra questão a partir do seu trabalho mais recente (ainda em andamento enquanto este texto está sendo escrito). Intitulado *What If Women Ruled the World?* [E se as mulheres governassem o mundo?], o projeto propõe uma realidade alternativa à nossa com a instauração de uma sociedade matriarcal. Tendo esta obra em mente, não podemos olhar para o folheto de 1946 – cujo fac-símile vem junto com essa publicação – sem notar que a comissão organizadora é exclusivamente composta de homens, que todos os textos foram assinados por homens e que, dos 67 doadores, apenas uma mulher assinou sozinha e um casal optou por citar a mulher. Por meio de relatos orais, sabemos que as mulheres foram fundamentais na constituição da Casa do Povo, participando ativamente do financiamento coletivo que arrecadou fundos para erguer o seu edifício. Hugueta Sendacz, figura central da instituição, até hoje, aos noventa anos, sempre conta que, mesmo grávida, correu o bairro em busca de apoio para a construção do prédio. Elisa Kauffmann Abramovich, primeira vereadora de São Paulo e fundadora da Escola Scholem Aleichem (que funcionou na Casa do Povo de 1953 a 1981), também foi presença essencial nesse trabalho coletivo.

Hoje, mesmo que com certo anacronismo, o apagamento da participação das mulheres nessa construção institucional é insuportável e precisa ser reavaliado. Consequentemente, a própria frase escolhida torna-se insustentável, pois "eles" deixa de ser um pronome genérico e passa a definir o grupo quase exclusivamente masculino que deixou de lado – conscientemente ou não – as mulheres da sua história. E se a Casa do Povo tivesse sido fundada pelas mulheres? Ou, e se fosse reconhecido, desde o seu início, que as mulheres também fundaram a

instituição? Na luta das narrativas acima relatadas – entre o massacre e a exaltação viril da vitória – o que elas comemorariam? A própria palavra "vitória" soa ainda mais estranha. De repente, fica claro que carecemos de um repertório de mulheres comemorando vitórias. Assim, na tentativa de fazer justiça às que participaram da formação da instituição, e afirmando essa presença não apenas na história, mas nos dias de hoje, em conversa com a artista, resolveu-se lançar mão de uma licença poética para modificar a frase escolhida para: "Assim elas comemoram a vitória".

E onde a frase deveria ser instalada? Produzida como um neon em grande escala, a maneira de colocá-la no espaço muda a relação entre o dentro e o fora do edifício, entre a história, a memória e o presente da Casa do Povo. Situá-la no teatro, que está no subsolo, exatamente onde, em 1946, foi celebrada a colocação da Pedra Fundamental do edifício? No terraço do prédio, para reencenar a cerimônia que aconteceu a céu aberto? Ou talvez a frase deveria ser disposta no lugar onde a escultura dos heróis de Varsóvia nunca foi erigida? Quem sabe na empena cega do prédio para tornar pública essa frase coletiva? Foram muitas idas e voltas para finalmente se chegar ao consenso de que o saguão de entrada seria o lugar mais adequado. Erguido poucos metros acima do local da Cerimônia da Pedra Fundamental, perto de onde há uma escultura ausente, o neon, visível da rua, desaparece na luz do dia e se destaca quando o bairro se esvazia à noite. É um convite discreto a adentrar a Casa do Povo e participar da escrita de sua história, questionando vitórias em meio ao desespero, inventando novas ferramentas de resistência em um contexto adverso, e reunindo outras frentes de luta.

O tempo é uma experiência vertiginosa. Uma vez quebrada a sua pseudolinearidade – com um antes, um agora e um depois – deparamo-nos com uma multiplicidade de passados, com muitos futuros sonhados e nunca realizados, com um presente cheio de devires, com a possibilidade infindável de agir constantemente nessa malha viva da memória para nos reinventarmos coletivamente. A Casa do Povo é a imagem do tempo e cabe a nós, mulheres e homens, habitá-la, sermos habitados por ela e usá-la como uma ferramenta potente de transformação da nossa contemporaneidade.



Simulações em rendering de possíveis locais onde o neon poderia ser instalado. Guy Saggee – studio Shual. As simulações foram feitas antes da ideia de se substituir o pronome "eles" por "elas".

NINGUÉM SABE SE SERIA MELHOR OU NÃO, MAS CERTAMENTE SERÁ DIFERENTE

Entrevista com Yael Bartana, por Fábio Zuker

Yael Bartana é uma artista israelense que vive em Berlim. Sua obra propõe uma reflexão acerca de movimentos políticos que imaginaram a construção de um futuro redentor durante o século XX – como é o caso, de modos muito diferentes, do comunismo, nazismo e sionismo. Revisitando uma série de referências históricas e fílmicas, parte do questionamento da narrativa oficial judaica para nos apresentar um entendimento mais amplo a respeito de mitos, concepções de história e temporalidades articulados por construções nacionais e por certos movimentos políticos.

A entrevista que se segue, realizada quando a artista regressava de Londres, onde trabalha em seu novo projeto *What If Women Ruled the World?* [E se as mulheres governassem o mundo?], é marcada pelas suas pesquisas atuais, relações com seus trabalhos anteriores e pelo modo como política e história se articulam de um modo imaginativo e inusitado em sua obra. Ao revisitar a lógica de movimentos utópicos, a impressão que fica é que o trabalho de Bartana substitui o lugar que o sonho teve como articulador nas narrativas históricas da esquerda, pelo pesadelo. Uma plataforma de imaginação política, que abre outras possibilidades para o que poderia ser a política, diante do pesadelo em que esta se converteu.

Neste sentido, nada mais próximo do que a proposta da Casa do Povo, lugar que desde o seu surgimento, em 1953, e até antes disso, é destinado a repensar o que significaria uma atitude crítica e de esquerda, aliada a uma produção cultural então de vanguarda, frente ao mundo surgido após o pesadelo nazista e stalinista. *Assim elas comemoram a vitória* – neon instalado na entrada do edifício – articula, em uma frase, como mostra a entrevista abaixo, uma série de linhas que atravessam a pesquisa de Bartana, as histórias que investiga, e a própria Casa do Povo.

Fábio Zuker
Antes de começarmos a conversar sobre *Assim elas comemoram a vitória*, poderia nos contar um pouco sobre o novo projeto no qual vem trabalhando nos últimos anos: *What If Women Ruled the World?*

Yael Bartana
O projeto começou há alguns anos, com perguntas muito simples, especificamente relacionadas a Israel e à Palestina: e se as mulheres, tanto na Palestina como em Israel, estivessem no poder? Mudaria alguma coisa? Se as mulheres estivessem no poder, mudaria o conjunto de prioridades? Essa era uma pergunta aberta, que muito rapidamente se converteu em outra maior: e se as mulheres governassem o mundo? O que isso significa? O que muda? A proposta é manter a questão como algo empírico, de modo a se tornar uma plataforma de pensamento. Assim como em outros trabalhos que realizei, crio um cenário imaginativo, embora muito relacionado à realidade, permitindo o despertar da imaginação.

Há muitos anos sou obcecada pelo filme *Dr. Fantástico* (1964), de Stanley Kubrick, e queria fazer um projeto relacionado a ele. Ao longo das pesquisas, finalmente cheguei a um ponto em que fazia sentido colocar essas duas ideias juntas. Especialmente porque nesse filme Kubrick nos mostra como, no mundo dominado por machos alfa, somos levados a, potencialmente, experimentar o fim do mundo. No desfecho, Dr. Fantástico (interpretado por Peter Sellers) prevê um futuro pós-apocalíptico, no qual o homem repovoaria a Terra, com dez mulheres reservadas para cada um. Agora, meio século depois, proponho um exercício, como em um laboratório, mas numa perspectiva oposta, dando às mulheres o domínio de um mundo onde novas visões convertem-se em necessidades desesperadas.

FZ Esse modo de criar um ambiente imaginativo, a partir do qual se possa olhar de um outro modo para o mundo, de alguma forma dialoga com suas obras anteriores, como o *Jewish Renaissance Movement in Poland* [Movimento Judaico do Renascimento na Polônia] (JRMiP na sigla em inglês),[1] e *Inferno*[2]. Nessas obras, a história é sempre aludida de forma imaginativa: não exatamente buscando uma imagem para a história que não aconteceu. De alguma forma, eles trabalham contra a realidade, não de uma maneira fictícia, mas hipotética, de como a história/realidade poderia ser.

Yael Bartana, *Inferno*, 2013, video still, cortesia de Petzel Gallery, Nova York; Annet Gelink Gallery, Amsterdã; Sommer Contemporary Art, Tel Aviv

YB Diante da presidência de Donald Trump nos Estados Unidos, questionar o que é realidade é uma boa pergunta. A questão que liga esses projetos é como criar ferramentas para lidar com problemas do nosso mundo de maneira imaginativa, para além do que está estabelecido. Em *What If Women Ruled the World?*, quero recriar a sala de guerra do filme de Kubrick como um cenário, como pano de fundo que representa o sistema patriarcal. Imagino uma situação como a do filme, mas invertida por um espelho: apenas as mulheres tomam decisões sobre como evitar a destruição do mundo. O formato será um laboratório experimental que funcionará como um jogo. Assim, na prática, um grupo de onze mulheres será confrontado com algumas das questões mais urgentes de nosso tempo. Cada noite, um elenco de cinco atrizes receberá um grupo diferente de seis especialistas mulheres: cientistas, representantes políticas, ativistas e pensadoras notáveis. Juntas, vamos passar a noite tentando resolver essas questões emergenciais, enquanto o relógio corre…

A premissa do projeto é concentrar-se na questão aberta. Ninguém sabe se as mulheres governassem o mundo este seria melhor ou não, mas certamente seria diferente.

FZ De alguma forma, suas obras sempre tratam da relação entre narrativas políticas e históricas: narrativas políticas inspiradas por uma certa invenção do passado, como *JRMİP* e *Inferno*. Em ambos os casos, fala-se do modo como as tradições bíblicas hebreias são relidas por movimentos políticos e religiosos, como o sionismo e a Igreja Universal do Reino de Deus. Mas parece que em *What If Women Ruled the World?* é diferente.

YB É uma pergunta muito maior, não relacionada com uma localidade específica. A questão que se coloca é: existe alguma alternativa para o sistema, tal como o conhecemos hoje? E eu, obviamente, não sou a única a fazer esta pergunta. Existe uma alternativa para a ordem patriarcal e para o modo como se organizam as sociedades? Muitas vezes penso que, para responder a essa pergunta, precisamos apagar nossa memória ou apagar o mundo e começar tudo de novo. Conhecemos poucas comunidades matriarcais, e é extremamente interessante olhar e estudar como as mulheres organizam suas sociedades.

O meu trabalho consiste em chamar a atenção para temas atuais, para o hoje. Ontem me deparei com uma boa citação: "a melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo." É uma boa maneira de colocar as relações entre imaginação, política e história e, de alguma forma, lida com questões semelhantes às da frase da Casa do Povo, mas de um jeito diverso. Algumas perguntas que vieram da trilogia do *JRMİP* ainda estão presentes em meus projetos atuais, como a maneira de questionar o status quo, oferecendo uma plataforma para discussão. A trilogia de filmes desencadeou uma série de debates: para alguns, era muito fictícia; para outros, muito real, mas permitiu a muitas pessoas se conectarem com as questões levantadas, do ponto de vista emocional, pessoal e intelectual, especialmente porque tenta criar alternativas à realidade. De alguma forma há um método muito semelhante em *What If Women Ruled the World?*. O projeto não é sobre pragmatismo, é sobre possibilidades.

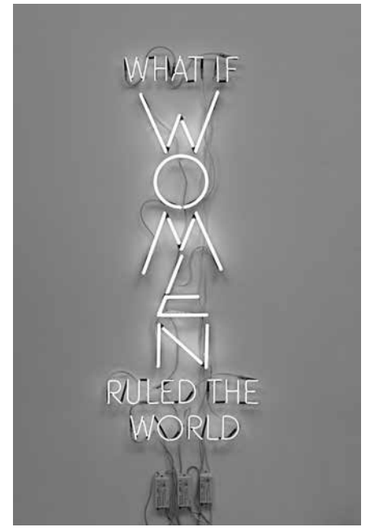
FZ A Casa do Povo nasce de uma dupla (ou tripla) derrota histórica: a Shoá[3] perpetrada pelos alemães, a tragédia em que foi convertido o socialismo real e os descaminhos de Israel. A frase original, que deu origem ao neon ("Assim eles comemoraram a vitória") foi escrita no contexto da vitória contra os nazistas, e publicada em um livreto que antecede a cerimônia da Pedra Fundamental [ver fac-símile], em que talvez não só houvesse homens, mas eram eles as figuras sob os holofotes. Foi justamente em nossas conversas, e com a equipe do espaço, que surgiu a ideia de mudar o gênero da frase do neon para "elas". Essa alteração muda completamente o sentido da frase. Como você vê este trabalho no contexto das perguntas que orientam suas pesquisas? Em que aspecto a modificação do gênero pode mudar o entendimento da frase em questão?

1 Projeto de Yael Bartana que consiste na criação de um movimento político, localizado entre o imaginário e o real, convoca o retorno de 3,3 milhões de judeus à Polônia. Ele é composto por uma trilogia de filmes: *Mary Koszmary* [Pesadelos], *Mur i wieza* [Muro e Torre] e *Zamach* [Assassinato], bem como por congressos políticos ao redor da proposta.
2 Vídeo realizado no Brasil em 2014 a partir de movimentos neo-pentecostais que propõem uma filiação imaginativa com o judaísmo. *Inferno* expande, assim, as questões levantadas pela trilogia, levando-as para lugares inauditos, implodindo o Templo do Rei Salomão construído no Brasil pela Igreja Universal do Reino de Deus e invertendo a base da narrativa sionista acerca da diáspora.
3 Shoá (ou Shoah) significa catástrofe em hebraico, e é utilizada para referir-se ao genocídio perpetrado pelos alemães contra os judeus europeus. Substitui, assim, o termo holocausto, que pressupõe uma estrutura ritual em que a morte de alguém ou algo ocorre para expiar os pecados de outrem.

YB Da forma como está escrita originalmente, a frase é aberta para uma série de possibilidades de interpretação. Quem são "eles"? Quem é o vencedor? Como a Casa do Povo tem uma história específica, esta frase ganha um sentido concreto relacionado com a Segunda Guerra Mundial. Mas, é um ponto de partida para pensar quem é o vencedor, e mais uma vez o vencedor é colocado como ser masculino. Ao mudar o gênero, a frase passa a se relacionar diretamente com o projeto, que no momento considero um laboratório, *What If Women Ruled the World?*.
A intenção é forçar os limites da imaginação para desafiar o status quo do patriarcado. Assim, ter mudado a frase do plural masculino para o plural feminino é uma outra forma/ação de forçar esses limites, na tentativa de sempre corrigir a história.

acima: cena de *Dr. Fantástico* de Kubrik
abaixo: *JRMİP congress*, de Yael Bartana, foto de Ilya Rabinovich

Manifesto em português do Movimento Judaico do Renascimento na Polônia



Yael Bartana, *WHAT IF WOMEN RULED THE WORLD*, 2016, neon, 58,8 x 150,7 cm, foto de Hans-Georg Gaul

FZ Você já realizou outro trabalho de grande importância no Brasil: a obra *Inferno*, que imagina como seria a destruição do Templo do Rei Salomão construído pela Igreja Universal do Reino de Deus. Nela, você termina uma reflexão que inverte a ordem temporal e histórica da narrativa sionista: se para o discurso oficial de Israel a diáspora começa com a destruição do Segundo Templo e termina com a campanha de emigração em massa dos judeus a Israel, ali você cria um movimento de imigração judaica de volta à Polônia e destrói um templo neopentecostal de Salomão construído no Brasil. Como *Inferno* foi visto em Israel e na Europa?

YB Na Europa, as pessoas viram o trabalho como algo muito relacionado com a história da Shoá. Ele foi visto principalmente como se fosse uma paródia da Kristallnacht. E muitas pessoas ficaram ofendidas, especialmente os alemães. Eles relacionaram o filme à Kristallnacht por conta das janelas quebradas. Mas, isso era algo completamente ausente na pesquisa e no projeto. Eu não sei muito sobre como foi visto em Israel, mas algumas pessoas disseram que era como um não lugar, como se a obra não se referisse e não estivesse em lugar algum; uma ficção científica total. Depois que meu irmão assistiu ao vídeo, ele disse que era como encolher dois mil anos em vinte minutos. De alguma forma, esse comentário pode fazer sentido a outros projetos em que trabalhei e continuo envolvida, como a própria capacidade da frase da Casa do Povo em condensar diferentes tempos.

Assim elas comemoram a vitória
de Yael Bartana, a partir de 18/3/2017

Realização Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Casa do Povo

Curadoria Benjamin Seroussi

Produção Chico Daviña

Design Guy Saggee – studio Shual

Execução e instalação Neon Três Estações

Comunicação Ana Druwe

A frase da obra foi escrita em português e em ídiche. O ídiche era a principal língua falada pelos judeus do Leste Europeu, e apesar de sua raiz germânica utiliza o alfabeto hebraico na sua forma escrita. Seu uso foi muito difundido até a Segunda Guerra Mundial, quando grande parte dos judeus que falava a língua foi morto ou fugiu, passando a adotar o idioma do país que os acolheu.

Esta é a primeira obra da série *História(s)*, um projeto realizado pela Casa do Povo que convida artistas para, a partir do contexto atual, criar uma obra que dialogue com a história da instituição e/ou com sua relação com o bairro.

PUBLICAÇÃO
coedição Casa do Povo e Edições Aurora

Edição Mariana Lorenzi, Júlia Ayerbe

Design Gráfico Laura Daviña

Revisão Gilda Morassutti

Impressão gráfica Cinelândia em papel offset 120g/m², avena 90g/m² e kraft 180g/m². Tiragem de 1 mil exemplares

Esta publicação foi composta em Mrs Eaves XL e Mrs Eaves Sans, versões da tipografia desenhada por Zuzana Licko, em 1996, em homenagem a Sarah Eaves, companheira de trabalho do tipógrafo Baskerville, uma das mulheres até então esquecidas na história da tipografia.

CASA DO POVO
Presidente
Jairo Degenszajn

Vice-presidente
Lilian Starobinas

Diretores
Gerson Froiman
Sandra Degenszajn
Tania Fukelmann Landau

Conselheiros
Arthur Hirsch, Carlos Frydman, Clara Schafirovits, Daniel Douek, Denise Grinspum, Eliana Finkelstein, Fani Kuperman, Hugueta Sendacz, Iara Rolnik Xavier, Iso Sendacz, Marcos Gorelik Ajzenberg, Marilza Silveira de Carvalho Pereira, Marina Sendacz, Miriam Biderman, Nochem Skitnevsky, Raquel Diaz Degenszajn, Renato Cymbalista, Roberto Wolfenson, Sara Cunha Lima, Sarah Feldman e Zelda Bulis Goldenberg

Colaboradores
Ana Druwe, Benjamin Seroussi, Chico Daviña, Mariana Lorenzi e Amanda Caiuby Meyer (secretária geral)

Auxiliar de Serviços Gerais
Lourivaldo Fialho de Carvalho / Gold Cooper

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
ProacSP

COEDIÇÃO
CASA DO POVO
Edições Aurora / Publication Studio SP

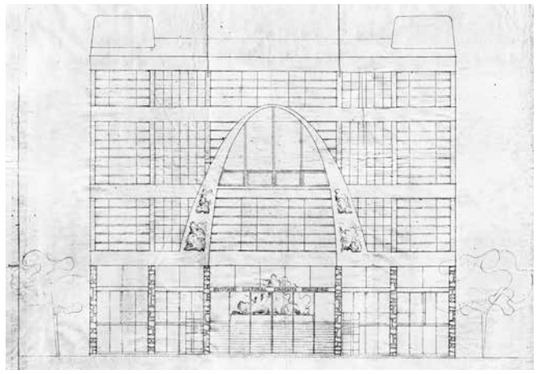
APOIO
VICUNHA TEXTIL
SUZANO PAPEL E CELULOSE
AUTONOMY INVESTIMENTOS

REALIZAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL GOVERNO FEDERAL

1943

Em 19 de abril de 1943, o Gueto de Varsóvia, onde os judeus poloneses estão confinados em condições insalubres desde 1939, está cercado pelo exército alemão e pronto para ser erradicado. Atrás dos muros do Gueto, um grupo de jovens esfomeados e mal armados se levanta, declarando uma guerra desesperada à máquina nazista e resistindo durante semanas. O Gueto acaba sendo totalmente aniquilado em maio.

Até hoje, relatos contraditórios disputam versões dessa história. Não está claro se o Levante nasceu de grupos já organizados da esquerda; se foi o resultado de uma união com base ampla da comunidade judaica, então presa nesses poucos quarteirões; se foi iniciativa de um grupo pequeno, que colocou em risco a vida de todos; ou se foi um levante geral.



Croqui da fachada do edifício da Casa do Povo feita por Ernest Mange. Arquivo ICIB/Casa do Povo

1948

Nunca mais! Na base da criação do Estado de Israel está a certeza de que os judeus do Leste Europeu foram massacrados na indiferença generalizada e sem capacidade para resistir. Para que isso nunca mais acontecesse seria preciso abandonar os rastros de uma cultura que não soube lutar: a língua e a cultura ídiche são substituídas pelo hebraico moderno, que poderia unir judeus de comunidades diversas, inventar um novo homem – que saiba se defender – e ter um país e um exército que proteja os judeus onde quer que estejam.

A memória está em disputa e surgem tensões entre as diversas maneiras de lembrar. Em Israel, dias de luto (Iom Hashoah e Iom Hazikaron) são imediatamente seguidos pelo aniversário da criação do Estado de Israel (Iom Haatzmaut), que se apresenta como a melhor resposta aos sofrimentos passados. Em muitas comunidades judaicas progressistas, porém, a narrativa é outra: comemora-se o Levante do Gueto de Varsóvia como exemplo de resistência da cultura ídiche que há de ser preservada.

Inauguração da Casa do Povo em 1953. Arquivo ICIB/Casa do Povo

1956

A Guerra Fria se alastra. O Oriente Médio se divide em dois – por um lado, a União Soviética e os países árabes; por outro, os Estados Unidos e Israel. No XX Congresso do Partido Comunista da URSS, Khrushchev denuncia, em discurso secreto, os crimes stalinistas – entre eles, os crimes antissemitas perpetuados pela máquina soviética. O que deveria ser um anúncio sigiloso, vaza na imprensa internacional. Com esse anúncio a esquerda judaica volta a se dividir, e o que havia restado da frente antifascista na comunidade é arruinado. A Casa do Povo também se divide e, três anos após sua inauguração, entra em crise.

YAEL BARTANA

אזוי פּײַערן

ASSIM ELAS

זיי דעם זיג